



ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS CATÓLICOS PORTUGUESES

100 Anos
1915 - 2015

Newsletter Centenário AMCP

Propriedade: Direção Nacional da Associação de Médicos Católicos Portugueses
Grupo Redatorial: Bruno Carvalho Pinto, Daniel Oliveira Reis.

Número 11 | dezembro de 2015

Notas da Direção

Caros sócios, esta é a última Newsletter Centenário da AMCP. Esperamos que tenha sido um veículo de comunicação e congregação da nossa associação.

A partir de agora, tentaremos manter um serviço de informação regular com os nossos associados, através de pequenas newsletters ou e-mails. Também o site será mais cuidado em termos de atualização e divulgação de informação – e cada um de nós, no seu núcleo diocesano, é convidado a participar neste processo, disponibilizando à Direção Nacional informação sobre as atividades e reflexões locais.

Terminamos este ano dando graças pelo que vivemos. Procurámos, dentro dos nossos limitados dons, dar resposta às necessidades da AMCP e nelas fazer um esforço de vislumbrar a vontade do Pai.

O trabalho continua e 2016 já nos coloca grandes desafios. Como AMCP seremos certamente capazes, se Deus o quiser, de lhes responder.

Desejamos a todos um Santo Tempo de Natal e um 2016 cheio das Bênçãos de Deus.

Notas soltas

2016

Para o ano que está quase a começar, a Direção Nacional propõe, desde já:

13 de fevereiro – Reunião do Conselho Nacional da AMCP em Fátima.

12 de março – Reunião Nacional da AMCP – “O erro médico” no Porto

setembro/outubro – Congresso da Federação Europeia de Associações Médicas Católicas (FEAMC) no Porto.

Convidamos os núcleos a organizarem reuniões, cursos, tempos de reflexão, retiros ou celebrações por todo o país.

Atualizações de sócios

Não nos cansamos de insistir no pedido a todos os sócios que ainda

não o fizeram, que procedam à atualização da sua ficha de dados e das suas quotas. Os formulários e as informações para regimes de quotas em atraso encontram-se no site da AMCP.

Vida de médico

Testemunho de um jovem médico, em missão além-mar.

Lá fora compridas folhas verdes dependuram-se, como vagens de feijão, dos ramos do “mango”, a árvore da manga, ubíqua por estes lados. Não corre nem uma aragem... o que destaca ainda mais o som os pássaros e insetos, todos com opinião pronta. Quem ligou esta sala de banho turco? Onde se pode desligá-la? O que fizeram ao vento oceânico de Portugal, que despenteia a testa e renova o fôlego?

Desafiaram-me a escrever umas linhas sobre a minha forma de viver a medicina como cristão. No meio do verde tropical, vou revisitando as motivações que me fazem estar hoje aqui, nos 10 graus de Latitude, no além-mar português, se já não de bandeira, ainda de seiva

histórica. O sentido de partilha da língua, da ligação histórica, do dever fraterno da ajuda ao desenvolvimento, a curiosidade do inesperado, o calor e a novidade, um país tão surpreendente para quem procura aventura.... Sim, tudo isso me traz primeiramente aqui.

Mas optei por vir para a Guiné-Bissau especificamente como médico. Ou será que fui escolhido?

Discernir a vinda para aqui - tarefa longa - inseriu-se, claro, num caminho pessoal, numa história pessoal com Deus e o mundo, onde se desenrola toda a minha vida, a medicina também. “Mas a meio do Ano Comum?” – fizeram-se ouvir vozes de vários quadrantes, algumas bem ajuizadas. E tive de lhes responder interiormente, a algumas até exteriormente, e encontrar razões para o que me propunha fazer.

Ainda antes de partir, noutro contexto mas bem a propósito, perguntaram-me se a minha educação como cristão influenciava a minha forma de ser médico... como poderia não o ser?

E dou por mim aqui, um médico “recém-encartado”, a trabalhar numa dinâmica muito diferente daquela onde aprendi a nadar. Diariamente, sou confrontado com todo o tipo de questões clínicas e humanas, particularmente, por agora, do mundo pediátrico. Tenho trabalhado ao lado da Dr^a Alice Ferreira, pediatra portuguesa que me iniciou nestas lides da medicina “da selva” e cujo trabalho não posso louvar o suficiente – e que um dia a Guiné saberá apreciar em todo o seu alcance.

E ser cristão, o que tem a ver com isto? A cruzinha no fundo do bolso da bata, em que me compromete? Em tudo!

Desde que aqui cheguei, tenho cimentado cada vez mais a minha percepção de que a medicina nasceu da compaixão. Quando o primeiro homem viu o seu irmão sofrer no corpo e no espírito o peso da

doença, compadeceu-se dele e procurou o que teria ao seu alcance para o socorrer, o aliviar. A mesma disposição vemos em Cristo, que age com sentimentos de Homem (Cf. Mc 1, 40-41; Jo 11, 32-38). Deste primeiro impulso humano, “humanitário”, que permanece igual, foi-se estruturando a medicina científica, que rege a nossa ação e lhe dá balizas objetivas, não permitindo que o envolvimento emocional e afetivo tolde o bem-fazer. Ao ouvir do doente uma longa lista de sintomas que nada “adianta” ao tratamento numa visita matinal, ao tranquilizar ou consolar uma mãe de um menino com doença crónica grave (situações com que, mesmo o médico mais jovem, cedo se vai confrontar), o médico sabe (ou deve lembrar-se) que está efetivamente a curar, a curar uma doença que acompanha quase sempre a doença do corpo: o sentimento de abandono, de impotência face ao futuro, de não se ser merecedor de uma oportunidade igual à dos outros ou de não ser útil à sociedade em nada.

Vale a pena, a este propósito, ler um pouco do pensamento e obra de Luigi Novarese, o fundador da obra “Silenciosos Operários da Cruz”, cujo objetivo é ajudar quem sofre de doença grave a viver a sua doença como ferramenta de transformação de mentalidades e do mundo em redor. Como dizem: “para que, na luz da Páscoa, todos se vejam chamados a encontrar e a anunciar o sentido do seu próprio sofrimento e, bem assim, a alegria da salvação.”

Não há maior alegria para um médico, parece-me, do que encontrar no seu trabalho a certeza de ajudar o outro a carregar a sua cruz, como Simão de Cirene, por onde quer que esse caminho o possa levar. Deus, nos meus curtos passos dados até agora, tem-me confirmado nesta convicção, lembrando-me que a obra é Sua,

nós só damos os braços, a mente e o coração.

João Martel,
Interno Ano Comum

Pontes de Oração

Proposta de oração da Igreja Universal, à intimidade de cada médico.

Senhor

Humildemente, vos peço que a Vossa inspiração se faça presente em mim.

Dai habilidade às minhas mãos, lucidez ao meu espírito e compreensão ao meu coração.

Dai-me discernimento para corrigir os meus erros, e força para poder aliviar o sofrimento dos meus irmãos.

Concedei-me a graça de poder ser um instrumento da Vossa vontade, ser veículo de esperança, de misericórdia e levar a termo a missão que me confiais.

Que nos meus momentos de limitação humana possa contar sempre com a Vossa misericórdia e com o consolo da certeza do dever cumprido. Que a luz das Vossas mãos esteja sempre sobre as minhas.

Abençoi-me e a todos os que estão comigo neste caminho. Que possa ao fim de cada dia dizer-vos: obrigado Senhor.

Dá que pensar

Proposta mensal de reflexão, individual ou para as reuniões de grupo diocesanas.

Esperança e misericórdia

Na mensagem *Urbi et Orbi* do dia 25 de Dezembro, dia de Natal, o Papa Francisco dizia:

“Cristo nasceu para nós, exultemos no dia da nossa salvação!

Abramos os nossos corações para receber a graça deste dia, que é Ele próprio: Jesus é o «dia» luminoso que surgiu no horizonte da humanidade. Dia de misericórdia, em que Deus Pai revelou à humanidade a sua imensa ternura. Dia de luz que dissipa as trevas do medo e da angústia. Dia de paz, em que se torna possível encontrar-se, dialogar, e sobretudo reconciliar-se. Dia de alegria: uma «grande alegria» para os pequenos e os humildes, e para todo o povo (cf. Lc 2, 10).

Neste dia, nasceu da Virgem Maria Jesus, o Salvador. O presépio mostra-nos o «sinal» que Deus nos deu: «um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura» (Lc 2, 12). Como fizeram os pastores de Belém, vamos também nós ver este sinal, este acontecimento que, em cada ano, se renova na Igreja. O Natal é um acontecimento que se renova em cada família, em cada paróquia, em cada comunidade que acolhe o amor de Deus encarnado em Jesus Cristo. Como Maria, a Igreja mostra a todos o «sinal» de Deus: o Menino que Ela trouxe no seu ventre e deu à luz, mas que é Filho do Altíssimo, porque «é obra do Espírito Santo» (Mt 1, 20). Ele é o Salvador, porque é o Cordeiro de Deus que toma sobre Si o pecado do mundo (cf. Jo 1, 29). Juntamente com os pastores, prostremo-nos diante do Cordeiro, adoremos a Bondade de Deus feita carne e deixemos que lágrimas de arrependimento inundem os nossos

olhos e lavem o nosso coração. Disto todos temos necessidade.

Ele, só Ele, nos pode salvar. Só a Misericórdia de Deus pode libertar a humanidade de tantas formas de mal – por vezes monstruosas – que o egoísmo gera nela. A graça de Deus pode converter os corações e suscitar vias de saída em situações humanamente irresolúveis.

Onde nasce Deus, nasce a esperança: Ele traz a esperança. Onde nasce Deus, nasce a paz. E, onde nasce a paz, já não há lugar para o ódio e a guerra. [...]

Onde nasce Deus, nasce a esperança; e, onde nasce a esperança, as pessoas reencontram a dignidade. E, todavia, ainda hoje há multidões de homens e mulheres que estão privados da sua dignidade humana e, como o Menino Jesus, sofrem o frio, a pobreza e a rejeição dos homens. [...]

Neste dia de festa, o Senhor dê esperança àqueles que não têm trabalho – e são tantos! – e sustente o compromisso de quantos possuem responsabilidades públicas em campo político e económico a fim de darem o seu melhor na busca do bem comum e na proteção da dignidade de cada vida humana.

Onde nasce Deus, floresce a misericórdia. Esta é o presente mais precioso que Deus nos dá, especialmente neste ano jubilar em que somos chamados a descobrir a ternura que o nosso Pai celeste tem por cada um de nós. [...]

E assim hoje, juntos, exultemos no dia da nossa salvação. Ao contemplar o presépio, fixemos o olhar nos braços abertos de Jesus, que nos mostram o abraço misericordioso de Deus, enquanto ouvimos as primeiras expressões do Menino que nos sussurra: «Por amor dos meus irmãos e amigos, proclamarei: “A paz esteja contigo”!» (Sal 122/121, 8). [...]

É o Natal do Ano Santo da Misericórdia. Por isso desejo, a todos, que possais acolher na

própria vida a misericórdia de Deus, que Jesus Cristo nos deu, para sermos misericordiosos com os nossos irmãos. Assim faremos crescer a paz. Feliz Natal!”

Neste Tempo de Natal, festa do nascimento de Jesus, somos mais uma vez, como Cristãos e Médicos, convidados a renovar o sentido da Esperança na nossa vida.

Através da Medicina, temos o privilégio de poder encontrar o “menino”, envolto em lençóis emaranhados e talvez imobilizado, dependente e frágil, em camas de hospitais. Temos a oportunidade de, sobre a manjedoura da bata branca, de braços abertos como a imagem do presépio, sermos esse abraço misericordioso de Deus ao mundo que sofre.

Neste Natal de 2015, em Ano Santo, que belas palavras se conjugam para a AMCP: Médicos de Esperança e Misericordiosos. São estas as basilares *guidelines* para a boa prática da medicina.

Feliz Natal e um 2016 cheio das bênçãos de Deus.